

LOGO DEPOIS DA VÍRGULA

“Muito acima das nuvens seja o centro das nossas misteriosas poéticas o irresistível anseio de viajar.”

Cesariny, Mário. *Pena capital* (1957). Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p. 125.

LDDV (the least distance of distinct vision ou *punctum proximum*).

Excelentíssimo(a) senhor(a):

Achará aqui o relato de uma série de viagens que iniciei em agosto de 2010. Encontrará, porém, na leitura e nos desenhos de *Logo Depois da Vírgula* (1), outras viagens anteriores e posteriores, não condicionadas por essa atualidade, que irão satelizar e “des-temporalizar” o seu rumo central.

(1) DO PORQUÊ DA ESCOLHA DO TÍTULO. *O Monte Análogo* de René Daumal, *romance de aventuras alpinas, não euclidianas e simbolicamente autênticas*, é o meu ponto inicial. Esta viagem, que “existe exatamente como se não existisse” e cuja existência é comprovada pela ‘necessidade’ de que exista”, tem um lugar especial na minha mitologia pessoal e no trabalho que desenvolvi durante os últimos anos. Lembro-me com exatidão do dia em que descobri o livro. Era um dia de sol primaveril, como aqueles em que se abrem as janelas pela primeira vez depois de um longo e fastidioso inverno. Uma corrente de ar fresco, repleta de cheiro de renascimento, agitava as cortinas. Um silêncio estudioso envolvia a casa, e eu estava preso na vertigem do tédio¹, na altura ainda genuíno. Andava sem saber o que fazer do turbilhão de vontades que me assaltava. Tinha dezasseis ou dezassete anos. Estava no escritório da minha mãe, olhando com ansiedade para as estantes cheias de livros enquanto ela lia. Repetida quotidianamente, esta procura tinha-se transformado, a pouco e pouco, num ritual obsessivo. As estantes eram como a casca de uma árvore e as lombadas, as suas células epidérmicas. Formavam um bloco apertado e homogéneo onde cada uma das partes transmitia à outra os seus conteúdos, por contacto das capas e através de um processo interno,

invisível a olho nu, como os líquidos nos vasos comunicantes. Para ler, tinha – como numa operação cirúrgica – de parar momentaneamente o fluxo interno dos intercâmbios significantes, extraindo um livro do conjunto. Escolhia sempre os mesmos, os mais espessos, como se o facto de conterem imensas folhas me pudesse salvar definitivamente do tédio pelo qual estava envolvido. Folheava as duas ou três primeiras páginas e colocava de novo o volume no seu respetivo lugar. O aborrecimento era tão forte – e com ele a ausência de sentido, a clarividência de que a tudo isto faltava nexo –, que nenhum dos impulsos que se encontram normalmente nas primeiras páginas me conseguia arrancar ao enfado. O nervosismo transmite-se, e mesmo tendo todo o cuidado para não fazer barulho, a minha inquietação atraía o olhar da minha mãe. Nesse dia, com a mesma paciência de sempre, perguntou-me o que eu queria, ao que respondi “um bom livro para fugir”. Depois de uma curta hesitação e de um olhar sobre o agregado, ela tirou um livro fininho de capa amarelada sobre a qual estava escrito, em cima e a vermelho – RENÉ DAUMAL; no centro, a verde – LE MONTANALOGUE; e em baixo, separado por uma barra horizontal magenta – L’IMAGINAIRE, GALLIMARD. Sentei-me na poltrona e comecei a ler:

De “Limiar”, introdução à tradução portuguesa de Daumal, René. *O Monte Análogo* (1952), trad. Maria de Lurdes Júdice. Lisboa, Vega, 1992, p. 21.

▲

“Tudo o que vou contar começou com uma letra desconhecida num envelope. Havia nesses traços de caneta que escreviam o meu nome e o endereço da REVISTA DOS FÓSSEIS, na qual eu colaborava e de onde me tinham reexpedido a carta, um remoinho de violência e doçura. Atrás das perguntas que fazia a mim próprio acerca do expedidor e do possível conteúdo da mensagem, um pressentimento vago mas forte evocava-me a imagem de um ‘sobressalto no charco das rãs’. E, do fundo, subia como uma bolha a convicção de que a minha vida se tinha tornado bem estagnada nos últimos tempos. Por isso, ao abrir a carta, não seria capaz de distinguir se ela me provocava o efeito de uma vivificante lufada de ar fresco ou de uma desagradável corrente de ar.”



Daumal, René. *O Monte Análogo* (1952), trad. Maria de Lurdes Júdice. Lisboa, Vega, 1992, p. 21.

Li o livro de um só trago e o que aconteceu quando cheguei ao fim foi verdadeiramente mágico. O fato de ambos, ascensão da montanha (viagem) e livro, acabarem, inesperadamente, com as palavras “na fixação das terras moventes,” deixou-me em suspenso. Logo depois de uma vírgula instala-se o silêncio e o mistério de uma viagem por fazer. Antes da vírgula, o sabor estranho da última palavra, “moventes”.

O que entrou pela janela aberta, nesta tarde de primavera, foi “uma vivificante lufada de ar fresco”, vinda de um lugar longínquo e desconhecido, que chegou para nunca mais sair. O suspenso permaneceu até agora e desde então o livro segue-me, ou melhor, eu sigo o livro para qualquer lugar onde vá. Acrescento ao seu inacabamento outros inacabamentos análogos.

↗¹ “Dizem que o tédio é uma doença de inertes, ou que ataca só os que nada têm que fazer. Essa moléstia da alma é porém mais subtil: ataca os que têm disposição para ela, e poupa menos os que trabalham, ou fingem que trabalham (o que para o caso é o mesmo) que os inertes de veras.

“Nada há pior que o contraste entre o esplendor natural da vida interna, com as suas Índias naturais e os seus países incógnitos, e a sordidez, ainda que em verdade não seja sórdida, de quotidianidade da vida. O tédio pesa mais quando não tem a desculpa da inércia. O tédio dos grandes esforçados é o pior de todos.”

Soares, Bernardo. *Livro do desassossego* (1982). Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, pp. 392-393 § 445.

Mas antes de tudo quero esclarecer alguns pontos:

- Ao invés de fazer um relato descritivo, optei por uma espécie de esboço que se foi construindo a pouco e pouco (2). Um “esboço perpétuo”;

(2) No inverno de 2010, em paralelo ao desenvolvimento do projeto *Logo Depois da Vírgula*, escrevi o *Traité du puit essoufflé*. Porque pretendia fazer um texto abissológico, fui buscar ao *Inferno* de Dante a sua estrutura abissal: um poço em forma de cone, que desce até ao centro da terra e cujo interior é dividido em degraus de tamanho progressivamente menor quanto mais se aproximam do fundo. Alguns destes degraus

são divididos em *Giron*, espécie de porção de cilindro onde cada tipo de pecado é tratado da maneira que melhor lhe convém. O texto principal do *Traité du puit essoufflé* é o próprio poço e acaba com o desaparecimento de um dos personagens dentro de um copo de água, mais exatamente na letra “O” do composto “H₂O”. Os círculos sucessivos que rodeiam o inferno são as notas de rodapé e os *Girons* são as *metanotas*

Por encomenda da Sociedade Internacional de Abissologia. (texto que permanece inédito).

(notas de notas) e as *metametanotas* (notas de notas de notas). É um texto que se ramifica do centro para a periferia, onde cada palavra escolhida dá origem a um outro texto e a outras entradas possíveis. Assim é este que agora vos apresento.

O texto principal é uma crónica, história que expõe os factos em narração simples e segundo a ordem em que eles vão acontecendo. É, ao mesmo tempo, um *hypomnemata*: termo grego que designa auxiliares de memória como livros de contas, registos públicos ou cadernos individuais. A este texto, que assim se desdobra, acrescentei notas de rodapé, comentários e textos mais específicos sobre temáticas diversas que são como troncos, cipós, epífitas, ramos, atalhos, veredas e bifurcações com que recheio o corpo do texto, mas ao contrário: do avesso.

Foucault concebia-o como escrita de si, como uma modalidade da constituição de si.

E de canopé (dosse).

Esta expressão é emprestada de Montaigne que, no capítulo “Que Philosopher, c’est apprendre à mourir”, de *Os Ensaios*, fala das suas citações como de um recheio: “Il y paraît, à la farcissure de mes exemples...” [Torna-se evidente, ao recheio dos meus exemplos...] Montaigne, Michel de. *Les Essais* (1580). Paris, Le Livre de Poche, 2001, vol. 1, p. 136.

[*Le mal aigu des montagnes*]

[dado como desaparecido]

“Não se opera a própria criação a partir da ilha deserta, mas a re-criação, não o começo, mas o re-começo. Ela é a origem, mas origem segunda. A partir dela tudo recomeça.”

• Quando preparam as expedições para alcançar o cume de uma montanha, os alpinistas costumam deixar, ao longo do trajeto, acampamentos de base para guardar o material e os víveres demasiado pesados ou prescindíveis durante as etapas seguintes. São essas bases logísticas que permitem a aproximação ao cume. Os alpinistas permanecem ali por alguns dias, como os marinheiros nas câmaras de descompressão dos submarinos, para se acostumarem à altitude e não virem a sofrer do *mal agudo das montanhas*. Além disso, é ali que regressarão depois de terem atingido o seu objetivo. Os que voltam. Há também o *porté disparu*.

As viagens que cometo não são mais do que pedaços d’a Viagem. Desde o início, nomadizo entre “acampamentos de base” mais ou menos impermanentes. Atinjo o cume e volto a descer. Abasteço-me e subo outra vez. Pouco importa que o cume seja outro e pouco importa até qual seja; é sempre Ele. Talvez suba apenas para desfrutar, durante alguns instantes, de uma vista maior, de um ponto de vista singular. Em geral, quando chego lá acima, o céu nublado impede-me a vista para além

A este conjunto, de morfologia vegetal, juntarei também a história de Honi, o traçador de círculos, personagem de ficção que me acompanha há já algum tempo e que me substitui nos desenhos como um *doublé*. Inspirados no deserto, estes textos vão fechar o conjunto. Só me falta saber qual é o lugar das ilhas, que têm a vantagem de não precisarem de nada que as sustente e de não estarem ligadas senão aos arquipélagos e aos continentes através do fio ténue da migração dos pássaros, dos peixes e das correntes. Estes caminhos, como linhas de perspetiva, apareceram nas âleas dos dias, nos acasos das leituras e formaram, a pouco e pouco, um conjunto de paisagem, um arquipélago de ilhas desertas e solitárias – o lugar onde:

Deleuze, Gilles.
A ilha deserta e outros textos. Textos e entrevistas (1953-1974), trad. Luiz B.L. Orlandi. São Paulo, Editora Iluminuras, 2005, p. 13.

Surpreendo-me com a deriva dos significados. Em geral, utiliza-se a palavra “cometer” no sentido de “praticar um ato considerado condenável”, porém, ela decorre do latim *committère*: “confiar; cometer”. Inversão total dos pólos.

da minha silhueta projetada na superfície das nuvens. Se acreditasse no que vejo, não continuaria a querer ver além do que vejo e dispensar-me-ia de me movimentar. Mas um curioso fenómeno, provavelmente interno⁽³⁾, faz com que nunca acredite totalmente no meu olhar. A natureza das coisas esconde-se atrás da natureza das coisas e assim infinitamente. Sonho com um materialismo genuíno: pura tautologia;

(3) Chamei-o de “ipseioidale”, uma aliagem entre a ideia de *ipseité* (o que faz com que alguém seja este alguém e não uma outra pessoa qualquer) e *elicoidale* (movimento de pás em rotação sobre si mesmas que as permite fazer avançar ou recuar);

uma espécie de vórtex interno que nos leva a procurar por dentro e por fora simultaneamente. Desenvolvi uma teoria sobre isso que, num trabalho chamado “*ipso-facto* substância dura, grosso modo, substância mole”, atingiu o cocuruto.

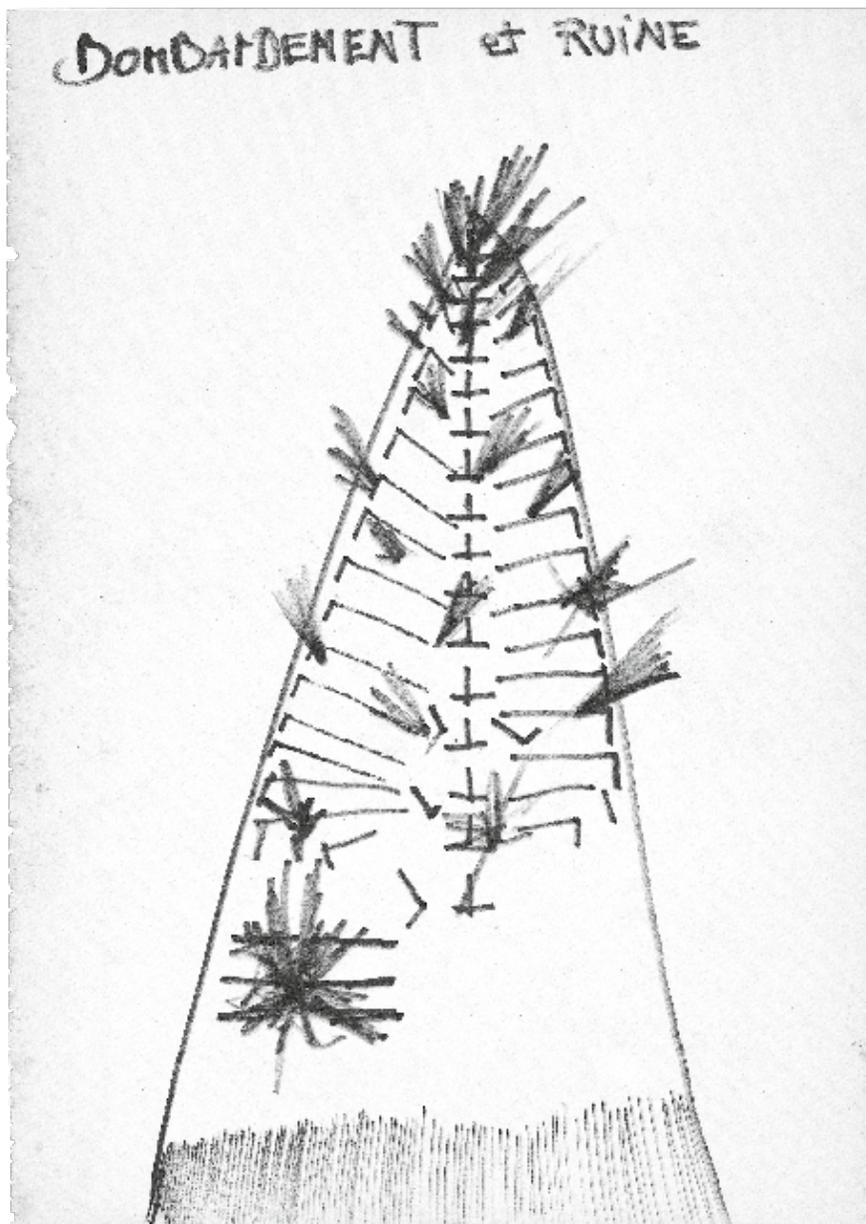
- Nove meses antes do meu nascimento, o meu pai largou uns espermatozoides solitários – embora fossem muitos – dos quais um deles – poderia ter sido outro – alunou sobre o planeta mãe. Foi a minha pré-viagem. A vida começa, no melhor dos acasos, com um orgasmo síncrono. É o nosso *big bang*;

- Não sou um adepto intransigente da verdade: frequento-a e relaciono-me com ela como qualquer um. Para sobreviver, é melhor oscilar entre ela e o seu contrário. Não a procuro, mas às vezes tropeço nela. Tem a morfologia de uma raiz, saída da terra, na qual os meus pés se prendem; de uma pedra, sobre a qual me apoio com toda a confiança, que parece estável e que de repente abana; de uma miragem que nos atrai no deserto. A verdade nem precisa ser procurada. Ela está Lá, ultrapresente e na sua dimensão mais estética: o absurdo, que é, sobre a superfície das coisas, o seu recado. *Muito acima das nuvens seja o centro das nossas misteriosas poéticas etc.*

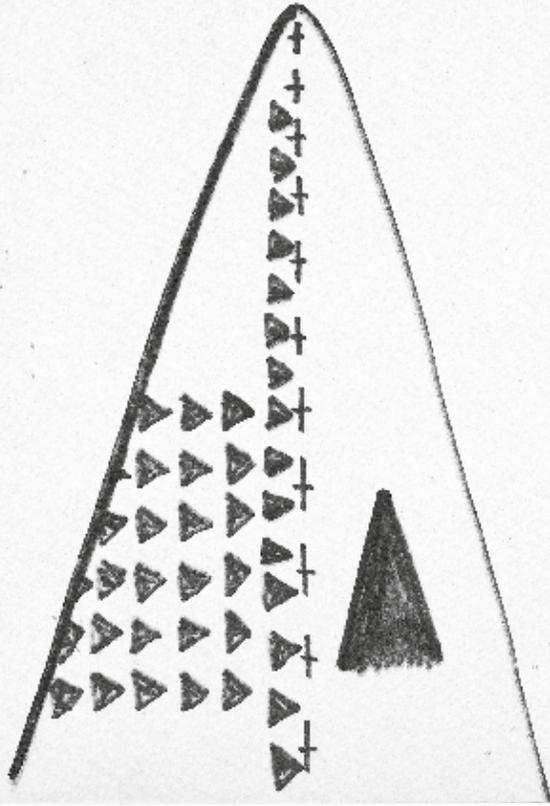
Aqui acaba o sermão.

Segue a viagem.

DOMBARDENENT et RUINE



TENSION



“«O dia chegou, por fim! Eu levava, orgulhosamente, numa gaiola, um gordo rato de rocha que tinha capturado facilmente e que soltaria, ao passar no lugar onde matara o outro – dado que tinha de «reparar os danos». Infelizmente, os danos iam apenas começar a revelar-se. [...] Proibiram-me de partir de novo, até que uma comissão de guias determinasse as causas da catástrofe. Ao fim de uma semana, fui convocado perante essa comissão, que me declarou que era o responsável por aquele desastre e que, em virtude do primeiro julgamento, tinha de reparar os danos.

“«Fiquei consternado. Mas explicaram-me como é que tudo se passara, de acordo com o estudo feito pela comissão. Eis o que me foi explicado – imparcialmente, objetivamente e, posso mesmo dizê-lo hoje, com bondagem [*sic*] mas de um modo categórico. O velho rato que eu matara alimentava-se principalmente de um tipo de vespa que abunda nesta região. Mas, e sobretudo com aquela idade, um rato de rocha não é suficientemente ágil para apanhar as vespas em voo; por isso, ele comia apenas as que estavam fracas ou doentes e se arrastavam pelo chão, voando com dificuldade. Ele destruía, deste modo, as vespas portadoras de taras ou de germes que, por hereditariedade ou contágio, teriam, sem a sua intervenção inconsciente, espalhado perigosas doenças nas colónias destes insetos. Tendo o rato morrido, essas doenças propagaram-se rapidamente e, na primavera seguinte, já quase não havia vespas em toda a região. Ora, aquelas vespas, recolhendo o pólen das flores, asseguravam a sua fecundação. Sem elas, uma quantidade de plantas que desempenhavam um importante papel na fixação das terras moventes ,”

Daumal, René. *O Monte Análogo* (1952), trad. Maria de Lurdes Júdice. Lisboa, Vega, 1992, p. 110-111.

Sempre gostei de epígrafes. Quando são bem escolhidas, funcionam como uma chave⁽⁴⁾. Até agora, a melhor que encontrei está no livro *Les Amours jaunes* de Tristan Corbières, poeta francês maldito do século XIX. O primeiro poema, escrito na prefeitura da polícia, a 20 de maio de 1873 é, ao mesmo tempo, um prefácio e um autorretrato, irónico e acerbo. Chama-se “ÇA?”. A epígrafe é a seguinte:

“What?...

Shakespeare”

Corbière, Tristan.
Les Amours jaunes
(1873). Paris,
Gallimard, 1973,
p. 21.

(4) Muitas pessoas perdem chaves, ou seja, muitas chaves se perdem. Durante muitos anos, guardei um monte de chaves que encontrava ao acaso na rua. Guardava-as porque sentia nelas ainda o seu poder intrínseco de abrir, acrescentado pelo mistério do lugar ao qual estavam indelevelmente ligadas: uma porta, um cofre, gavetas que talvez já não existissem. Carregava nas minhas

mãos a possibilidade de desvendar muitos segredos, de descobrir lugares ocultos, inacessíveis, abandonados, esquecidos, talvez até um tesouro e, quem sabe, o seu próprio mapa, meio comido e ilegível, onde uma cruz traçada à pressa indicaria o lugar onde se encontraria escondido. Promessas de viagens, de *dépaysement*⁷².

72 SOBRE A “IN-COINCIDÊNCIA”

Sempre tive a fantasia de desenhar ou pintar ao ar livre como os impressionistas. Lembro-me de, ainda criança, ter passado tardes inteiras em frente à minha casa a **pintar** paisagens de montanhas ultramarinas que deslizavam até um mar azul-cobalto manchado de verde-esmeralda, onde se refletiam nódoas, em vermelho, de um pôr do sol cor-de-laranja. Devo precisar que na paisagem à minha frente, para a qual eu olhava com insistência – imitando os gestos caricatu-rais do pintor que recua e observa alternadamente, com os olhos semicerrados, o quadro e o que ele quer representar –, nenhuma montanha, e ainda menos o mar ou o pôr do sol, se realçavam. Era um campo perfeitamente plano, feito apenas de camadas horizontais, sem perspectiva, de gramíneas ocre e de terra castanha. Mais além, em pano de fundo, a orla de uma floresta, de um verde que vira negro de tanta falta de luz; e um céu de **chapa**, cinzento, triste e baixo, tapava o conjunto. Esta desadequação entre a paisagem e o que representava, esta “in-coincidência”, vinha-me certamente de uma vontade precoce de viajar ou de fugir, de uma necessidade tremenda de *dépaysement*.

Esse desejo de imitar os pintores ar-livristas é uma provável herança do meu avô, pintor impressionista tardio que, na minha fértil imaginação infantil, se me afigurava deambulando na natureza com a sua barba soberba, o cavalete e as telas às costas; ou à sombra de um carvalho pintando as paisagens áridas da Provença. Nunca o conheci, morreu logo depois da Segunda Guerra Mundial, mas vivíamos rodeados dos seus quadros: paisagens, dois ou três retratos, alguns nus e naturezas-mortas. Pinturas cujo aspeto era remisso, aparência acentuada pelo pó que se acumulava em cima das telas, nesta casa de campo onde as galinhas, os patos, os gansos, as piegas, as ovelhas e as cabras convi-viam connosco numa promiscuidade edénica. Esta prática da pintura em exterior era consonante com a atitude deambulatória e **peripatética** (mas solitária) do passeio que eu exercitava diariamente quando voltava a pé da escola. O som da minha conversa interior com os objetos exteriores – árvore, charco, lamaçal,

Os meus pais tinham-me comprado um cavalete de rua e uma caixa de pintura a óleo.

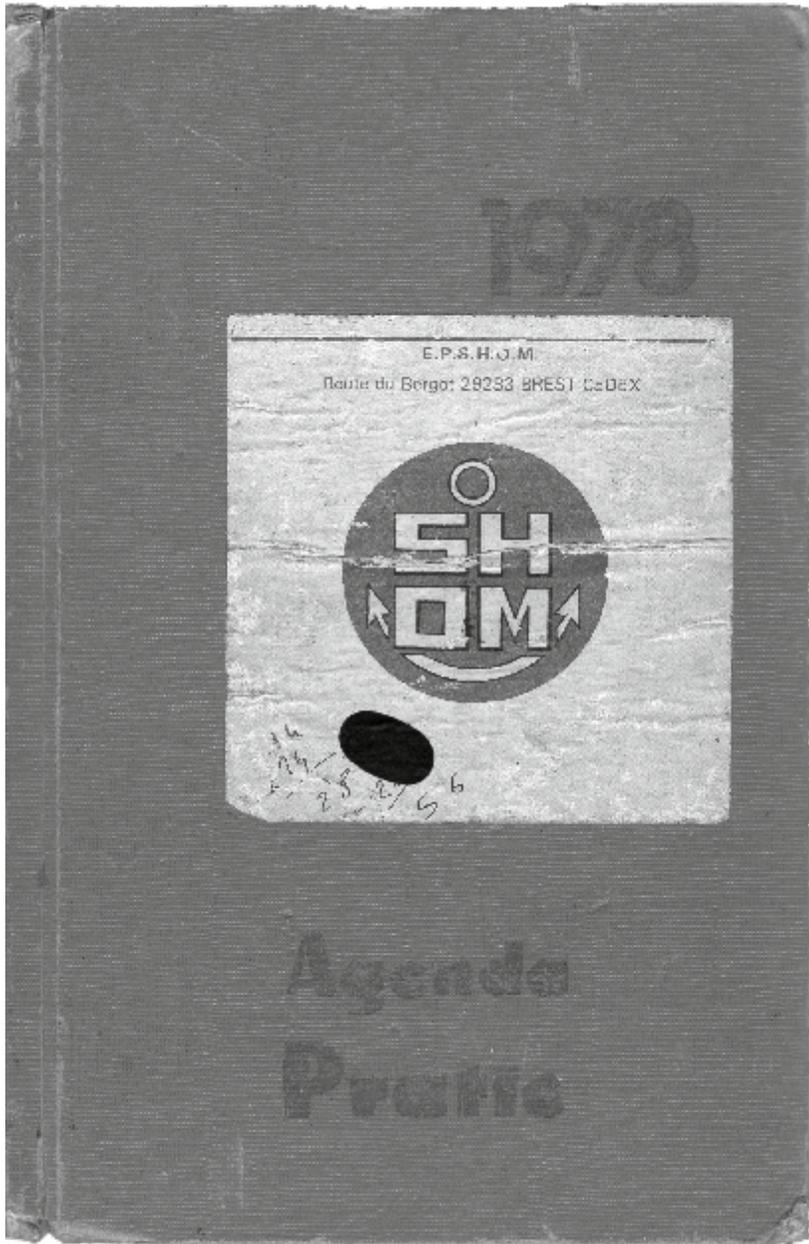
Característico da minha região natal durante os nove meses do inverno que nunca se assume.

O meu passeio não era mudo, era antes uma conversa afiada com as coisas. Peripatetizava.

Esta palavra é particularmente interessante: “despaissar-se”. *Se dépaysier*: tirar de si a paisagem do costume; arrancar a paisagem que está presa em nós ou na qual estamos presos. Não acho que exista palavra para o movimento inverso: *se paysier*.

torrão, poça, planta, passarinho e vaca – entrava em cadência com os meus passos e os meus pensamentos. Sem me aperceber da distância percorrida, achava-me em casa como por magia, como se tivesse voado até lá. Para mim, “pensar” e “voar” são verbos análogos. Por isso, quando começo a pensar sentado, é como se o meu corpo estivesse mexido no âmagô pela fervura, por um alvoroço repentino, um tumulto orgânico, que o obriga a movimentar-se, a levantar-se e a andar como se desnordeado em circum-ambulações caóticas e alucinantes, no lugar onde por acaso agora mesmo me encontro. Esta energia avulsa, desconexa, subitamente libertada como uma *parte maldita*, está, na sua maioria, desperdiçada e sacrificada a esse movimento sem nexos que não me deixa o tempo necessário, ou a lucidez suficiente, para efetivar os meus pensamentos ou mesmo para lembrar-me deles. Teria de vazar esse excesso de energia para o oco de uma página mas, muitas vezes por incapacidade física de escrever andando à velocidade desejada, apenas aponto ínfimas marcas destas lucubrações.

Acho que nunca paramos de pensar, mas há momentos em que os pensamentos estão como que em letargia, refreados em atmosfera inerte.



Capa do Caderno de Bordo do Évadeur

I S S O

O detalhe imenso

Já não existe uma partícula deste planeta que não tenha sido pisada pelo pé do homem e disso ele orgulhou-se. Mas o mundo encolheu-se como *une peau de chagrin*(5). Um norte-americano andou sobre a lua, proferiu uma frase logo tornada famosa e, provavelmente, deixou lá o seu lixo. Num registo diferente, outras viagens aconteceram: Bernardo Soares desencadeou uma viagem fixa sentado à sua mesa; H. G. Wells e o viajante do tempo exploraram um futuro; Alfred Jarry e o Dr. Faustroll(6) inventaram a viagem patafísica e deambularam nos meandros do labirinto de uma folha de couve; e o Prof. Sogol e a sua equipa navegaram e descobriram o caminho para o Monte Análogo.

Soares, Bernardo.
O Livro do desassossego
(1982); Wells, H. G.
A Máquina do tempo
(1895); Jarry, Alfred.
Gestes et opinions du
docteur Faustroll,
pataphysicien (1911);
Daumal, René.
O Monte Análogo
(1952).

“Se eu tivesse
o mundo na mão,
trocava-o, estou certo,
por um bilhete para a
Rua dos Douradores.”
Soares, Bernardo. *O*
Livro do desassossego
(1982). Lisboa, Assírio
& Alvim, 2001, p. 58
§ 18.

(5) Expressão que significa que qualquer coisa está a diminuir a pouco e pouco. No romance de Balzac, *La Peau de chagrin* é uma pele (que é um talismã) que se apodera do destino do herói. *La Peau de chagrin* permite-lhe realizar tudo o que ele ambiciona mas reduz-se de cada vez que a evoca, até ao dia em que o seu último desejo conduz ao desaparecimento de ambos.

“Se me possuíres, possuirás tudo. Mas a tua
vida pertencer-me-á. Deus assim o quis
Deseja, e os teus desejos serão atendidos
Mas rege os teus desejos pela tua
vida. Ela está aqui. A cada
desejo diminuirei como os
teus dias. Queres-me?
Toma-me, e Deus
te atenderá.
Que assim
seja!”

Balzac, Honoré de.
La Peau de chagrin
(1831). Alleur,
Marabout, 1995,
p. 43.

لو مكننى ملكك آنكر
ولكن جرك ملكي
واراد الله هكذا
اطلب وستنال مطالبك
ولكن قسم مطالبك على جرك
وي شاهنا
فيكل مرارك استسندزل ايامك
أريد في
الله يجيبك
آمين

(6) No famoso *Gestes e opiniões do Dr. Faustroll*, o protagonista inicia a sua viagem para fugir aos fiscais, transformando a sua cama em barco e navegando sobre o Sena. Também *O Monte Análogo* começa com uma navegação. Sempre achei a frase “navegar é preciso, viver não é preciso” misteriosa e fascinante. A primeira vez que a ouvi foi na canção *Os Argonautas* de Caetano Veloso:

“O barco, meu coração não aguenta
Tanta tormenta, alegria
Meu coração não contenta
O dia, o marco, meu coração, o porto, não
Navegar é preciso, viver não é preciso [...]”

Na altura não conhecia a frase de Fernando Pessoa e o seu paralelo com a criação – “viver não é necessário; o que é necessário é criar” –, nem mesmo a frase do imperador romano que desencadeou toda esta poesia – *Navigare necesse; vivere non est necesse*. Segundo Plutarco,

“No momento em que se preparava para voltar ao mar, um vento impetuoso levantou-se e os pilotos hesitaram em partir. Mas Pompeu, subindo a bordo à frente de todos, ordenou que se levantassem as âncoras, exclamando: Navegar é preciso, viver não é preciso.”

Plutarco. *Les vies des hommes illustres*, (100-110), trad. Alexis Pierron Paris, Charpentier Libraire-Éditeur, vol. 3, 1854, p. 177.

Será ISSO a crónica inacabada de uma viagem que se situa entre duas propostas contraditórias? Entre um lugar presente, que tem um fim em si mesmo e um outro, desconectado do tempo e do espaço, tão singular que só se revela no imaginário? ISSO é uma viagem filosófica, patafísica, física e metafísica. Se entendermos que a pele é o que de mais profundo há no homem, como o sugere Paul Valery, ter-se-á ISSO transformado numa viagem subaquática? Será ISSO um simples reflexo epidérmico?

Valery, Paul.
L’Idée fixe
(1932).

ISSO é uma *Visagem*.

Antes ainda de relatar essa primeira viagem na floresta e nas margens do rio Paraná do Mamori, começarei por uma viagem iniciática.

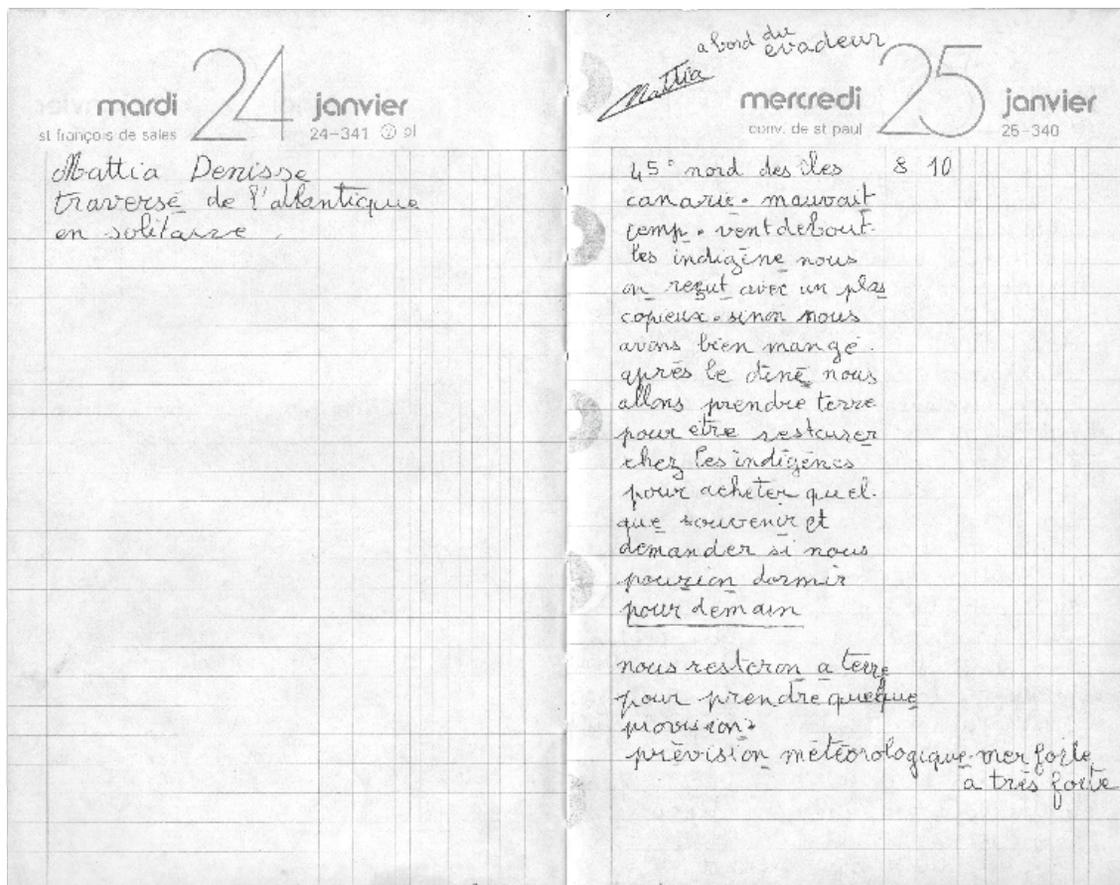
VISAGEM –
Bras. Aparição
sobrenatural;
fantasma.

47.498024, 1.325022

No terreno em frente à minha casa estava parqueada uma carrinha habitável que transformei, pela força da imaginação, num barco à vela com o qual decidi atravessar o Atlântico em solitário. Batizei o barco de *Évadeur* e esta Viagem constituiu a minha primeira tentativa séria, muito embora discreta, de abandono do real, de acrescentar tempo ao tempo e espaço ao espaço. Esta Viagem primordial (esta Viagem anterior às viagens) é o ponto de partida mais real, mais verídico ou, no mínimo, o menos insensato.

Extrato do *Carnet de bord de l'Évadeur*, escrito em 1979
numa agenda de 1978:

Terça-feira 24 de Janeiro
S. Francisco de Sales, 24-341 lua cheia.
Mattia Denisse
travessia do atlântico em solitário



A bordo do evadeur (●)

Quarta-feira 25 de Janeiro
Conv. de S. Paulo 25-340
8.10

45° Norte da ilhas canária. Mau (x). Tempo. Vento de proa
Os indígenas receberam nos com imensa comida. Comemos bem.
Depois do jantar vamos a terra buscar abastecimentos aos indijnas
comprar recordações e pedirles para dormir la até amanhá.
Ficamos em terra para arranjar provisões
Pervisão metriologica mar forte a muito forte

(•) N. T.: *Nome do barco*. Não sei se querem mantê-lo no original. Em francês é fácil perceber a origem do nome “Évadeur”, mesmo não existindo a palavra. Uma tradução aproximativa em português, respeitando o facto de “évadeur” ser um “neologismo mattiano” seria “evador/evadôr”, mas está muito mais distante de “evadir” do que “evadeur” está de “evader”. Além de que em francês “evader” é, creio, muito mais utilizado do que em português para representar um movimento que não é necessariamente de fuga, logo, traduções como “fugitivo”, “evasivo” etc., perderiam, na minha opinião, algum do sentido que se pode adivinhar em “évadeur”.

(×) N. T.: *Erros*. Os erros não coincidem necessariamente em francês e em português. Por exemplo “journé” é um erro “normal” ou compreensível em francês, mas grafar de forma errada a palavra “dia” pareceria pouco credível (como é que se dá um erro numa palavra tão pequena, sem acentos nem dítonos?). Nalguns casos optei, assim, por grafar mal as palavras anteriores ou seguintes. Por outro lado, e tentando respeitar o espírito do original – e as minhas próprias lembranças de infância – a mesma palavra pode aparecer escrita de maneiras diferentes (ex.: “indigena, indijna, indijena”). Alguns “erros” são claramente dados porque a grafia da palavra não estava “segura” na memória do escritor, outros são dados por distração, outros pela intensidade com que certas partes do diário parecem ter sido escritas. Foi o espírito dessas “diferentes escritas” que tentei respeitar.

évadeur

jeudi 26 janvier *Mattia*
 ste paula 26-339

45° nord des îles	9	10	poivre dans un
canave: mer forte a			mer forte de
très forte.			la maines
dans l'après midi la			Bate légère
tempête se calme	7	8	dan l'après
le soir la tempête			midi et la
monte	3	11	soirée
nous sommes restés a			accident:
terre: un autre			en allant
bateau est parti			au port
pour la traversé			de l'autre
le petit mais il a			cauté de
du mal faire s'est			été j'ai
conté car il va dans			coupe un
la direction des courant			bateaux
dan genre... dans			en deux:
avons passé une bonne			Il n'y a pas
nuite: j'ai allumé le			de déga dans
chauffage: tout va bien.			l'équipage
poivre restain nous reston			mais d'arte
ici jusqu'à demain.			matériel
nous allons aller de			beaucoup de
l'autre côté de l'île			dépense.
la ou nous prendrons			3500 F
un peu plus de ravitaillement			de de qual
			a nuit.

évadeur
 Quinta-feira 26 de Janeiro
 Mattia
 S. Paulo 26-339

45° norte das ilhas canária: mar forte a muito forte.
 de tarde a tempestade acalma e à noite aumenta
 ficamos em terra. Houve outro barco que saiu para a travessia
 Era pequeno, mas deve ter feito mal os cálculos porque esta
 a ir na direção da correntes perigosas
 A noite passou bem. Liguei o aquécedor. Nada asinalar.
 Por enquanto vamos ficar aqui até amanhã. Vamos o outro lado
 da ilha buscar mantimentos.
 Para amanhã mar forte de manhã. Omdulação ligeira à tarde
 e à noite
 acidente: quando ia para o porto do otro lado da ilha parti
 um barco ao meio.
 Não houve estragos com a tripulação mas muitas despeza com
 o material. 3500F x 350 de estragos para pagar.

PS Je vais me rendre au commissaire
 dit petit ou le commissaire ne veut
 pas me croire bien qu'il soit français
 Je vais lui expliquer que je suis
 dans l'ambargo car je fais parti d'une
 course transatlantique et qu'un bat-
 teau est parti de moi je ne lui dirait
 surtout pas qu'il est parti dans la
 mauvaise et que il ne risque pas de
 gagner, car il me répondra que vous
 en faite pas vous partirez quand les
 bateaux arriveront. Mais tout de fois
 je trouve de que les commissaire français
 qui sont en dans les îles canariennes
 ne sont pas comme les canariens. Il n'y a
 rien de rien. Par ailleurs il doivent bien
 naviguer car on indigènes ma dit qu'il
 était complètement car il avait un pa-
 tauger au bord de la mer et en plus
 une piscine. Je crois que sa chose
 beaucoup les indigènes sa, tout de
 fois s'est vrai que les commissaire
 français son fou ESTE M& PLUS
 il n'y comprennent rien à
 Rien sa ma choque et aussi
 les indigènes celui qui doit être le plus
 choqué se est le valeur si il est pas
 le ça dans de l'autre côté de l'île
 dans la marmite des indigènes.
 C'est vrai que sont choquant les indigé-
 ne surtout les commissaire français
 qui on une piscine au bord de la mer

sa moi je ne comprend. d'ailleurs
 n'essaye pas de comprendre comme a
 l'école. et puis tout de fois on il faut
 pas que son me tracasse la tête a
 cause de se commissaire qui a une
 piscine au bord de la mer. bon
 enfin passons. c'est la vie -
 pour aujourd'hui 27 janvier 1948
 sa suffisantes PS. d'ailleurs
 PS d'ailleurs je ne sait pas se que
 savez dire mon PS et fini. le PS dit
 PS est fini. sa fait andraule de courant
 ses PS la. tient d'ailleurs, j'avais
 oublié de vous dire que j'avais
 trouvé se que sa veut dire PS sa veut
 dire que se vien d'en faire un autre.

FINI

vou ao comisariado do porto fal xar com o commissario que não me quer acreditar apesar de ser frances vôn-lhe explicar que estou em apúros porque faso parte de uma corrida transatlantica e houve um barco que ja partiu “Nem lhe vou dizer que partiu para o lado errado e que assim não vai ganhar porque depois ele disia-me “ não se preocupe o senhor pode partir quando os barcos chegarêem. Mas eu acho que os comisarios franceses que estão nas ilhas canarias devem ser uns marinheiros de água doce (Δ). “Não percebem nada de nada” E aposto que devem de ser mesmo de água doce porque um indigena disseme que ele devia ser completamente maluco porque tinha feito um tanque para tomar banho ao pé do mar e que ainda por cima ja tinha uma piscina”. acho que isso choca muito os indigenas. mas é verdade que os commissarios frances são doidos. E AINDA Por Cima ele não perssebe nada de nada isso chateiame e aos indigenas também. Quem deve estar mais chateado é o ladrão ou então já está do otro lado da ilhas ou na panela dos indigenas. É verdade que os indigenas sao esquesitos especialmente os comisarios fransseses que têm uma piscina ao lado do mar não percebo isso não me interessa perceber nada, se qeurem saber Nem na escola. E depois não estou para perder tempo com esse commissario que tem uma piscina à beira mar – adeuzinho.

Para hoje 27 de Janeiro de 1978 chega de PS. Ainda p PS inda por cima não sei o que isso quer dizer. O PS ^{do PS} acabou. O PS do PS acabou. isto faz uma sena muita estranha estes PS todos. bem tinha-me esquecido de dizer que já sei o que quer dizer PS quer dizer que acebei de faser outro.

FIM

(Δ) N.T.: *Patauger comme un canard e Mare (à canards)*

Aqui, a tradução literal era impossível, portanto para tentar manter o espírito e poder jogar com o “elemento aquático”, optei por “marinheiros de água doce”, no sentido em que é gente que não percebe nada do seu ofício e que, não percebendo, empata a vida aos outros.

Mattia a bordo do évadeur

Sexta-feira 27 de Janeiro

Sta. Ângela 27-338

45° norte das ilhas canária: mar forte de manhã 10 11 ondulação ligeira à noite e à tarde. 5 6 o barco vai bem A cozinheira foi-se embora. Deixo-me um recado. O recado começava assim: “meu lindo capitão”. arrumei tudo porque ela foisse embora com as coisas dela. No porto está tudo bloqueado não nos deixam sair. “que cena/”. Devolveram-me os 360 F porque a culpa não era minha. O comissário não me acreditava apesar de ser frances/Vou pedir autorização para sair porque estou na corrida transatlantica Vou voltar à corrida se toda a gente estiver de acordo. senão ponho me a andar

Para amanhã Vêto fraco durante o dia tódo

PS à espera que se sáia daqui

outro grande pésse PS na página suplementar

Mattia a bordo do évadeur

Sábado 28 de Janeiro

S. Tomás de Aquino 28-337

larguei das ilhas sem pedir ao comisario. parti devia de ser 12h30. A tempestade rasgou o estái e partiu o masto da mesena. fui vigiado o dia todo pelos aviões. Não gosto nada dos aviões que me sobrovoam. à tarde a tempestade acalmo-se. icei o meu primeiro spinaquer tive de voltar uns minutos depois para mudar o spi. Tive muito medo por um bocado porque vi um avião em chamas a piquar para cima de mim. mas não percebi se era um avião ou uma bola de fogo. Isto é muito inquietante quando estamos sozinhos e vemos uma espécie de o.v.n.i a vir para cima da gente. e depois nem havia outros aviões à nossa volta. a seguir vi o meu spinaquer a voar ao vento. Fui muda-lo e voltei a cose-lo. Tive que por o mastro da mesena de pé. foi difícl mas conseguí. reparei as velas todas [spi e vela grande – destruido(s)].

todas as velas foram arranjadas. os aviões voltarão. Filma-me e tiram-me fotografias. estes também são aviões franceses. avanço mais o menos a 5 ou 8 nós, isto é $1m \times 5 = 1,850 \times 5$ nós, o que dá 9,250 kbmm. marquei o itinerário de viagem nas cartas. o vento do brasil esta-me a preocupar. e seu estiver a passar por lá na má altura? nem sequer sei quando vai soprar. não posso pensar nisso, tenho é que pensar que é a primeira vez que faço uma travessia transatlantica e que se eu chegar ao porto mesmo sem ganhar já era muito bom. Acho que sou um bom marinheiro e que me dese sou capaz de me desimbarassar sozinho.

DISPENSÁRIO
DE HIGIENE MENTAL
10 RUE DE LA GARENNE.
BLOIS
TELEPHONE: 78-03-09

CONSULTAS
TERÇAS-FEIRAS
MEDIANTE MARCAÇÃO

*Domingo 29
de- Janeiro*

Départamento de Loir-et-Cher
SERVIÇO DEPARTAMENTAL DE HIGIENE SOCIAL
BLOIS,

Vento de força 8 a nove. O tempo melhora à tarde. O barco continua bem e todo está nos seus lugares. O helicóptero que devia vir hoje de manhã não veio, mas uma traineira que ia a passar mandando-me mantimentos. Amarrei o meu barco à traineira e fui para o restaurante. “fêzada!” As duas da tarde voltei para o “evadeur”. Tinha cumido tanto que nem me podia mecher. Tinham esquecido de dizer que antes de ir comer à traineira tinha encontrado escondido duas larânjas, 4 nózes e um bocado de qaijo pôdre e chóriços muito rijoj. Estou sempre a ver aviõis a voar à minha volta a voar como se fossem a espiar me. Até às quatro horas não ouve problemas. Nem uma vela rôuta nem nada. Foi só às 4 horas que o spi se rasgou. Mesmo a hora do lanche. Quando acabai de arrajar o spi ouvi um grito agúdo que vinha da água. Vi um animal enorme a saltar. Era mesmo o que eu queria ver aquele monstro. Era uma hórca. Quando ele deu aquel grito deu-me vontade de chorar mas depois pasoume. O helicóptero apareceu logo a seguir. Deixou me as mercadorias e foi se embora. Acho que o Jean está farto dos aviõis dele. Chamo-les montes de palvrõins e acho que eles até se riem. Ouvi as informações maritimas e disseram que eu estava em primairo lugar e o resto do tempo pasou bem.

DISPENSARE
D'HYGIENE MENTALE
10, rue de la Couronne
BLOIS
Téléphone : 78-03-09

Damandé
7^e
janvier

Département de Loir-et-Cher
Service Départemental d'Hygiène Sociale

CONSULTATIONS
Mardi et Jeudi

BLOIS, le

vent de force 8 à neuf. Le temps se calme dans l'après midi.
 Le bateau va bien, tout y est bien installé. L'hélicoptère
 qui devait venir ce matin n'est pas venu. Mais un châliotier
 qui passait par la ma restaurer. J'ai attaché mon bateau
 derrière et j'ai été au restaurant. Le coup de pot vers 2 heures
 Je suis reparti dans l'avadeur. J'aurais tellement bien manger
 que se ne bougrait plus. J'avais oubliés de vous dire qu'avant
 de me restaurer dans le châliotier j'ai retrouvé dans ma cabbotte
 deux oranges, 4 noix, un bout de fromage mauvais car il était là
 depuis le départ de la course, et un plus je sais apprécier le fromage.
 Il y avait de saubsons très secs. Je vois toujours des avions
 survoler me surveillent comme des espion. Jus qu'à quatre heures
 pas de problèmes pas une volée de casse. C'est à quatre heures
 juste que mon spi a cassé. J'erte leur du goût. Jus qu'à quatre heures
 de remettre mon spi sans problème. J'entendis un cris aigue
 se lever en pleine mer. Je ne sputer d'énorme l'été. C'était mon
 aigue en pleine mer. C'est c'est été terrible. J'étais un or. C'est ou
 aller. L'hélicoptère est arrivé juste après. J'ai mis le mar-
 chandisent puis il est parti. Je crois que Jean et vraiment mais
 de ses avions. Je les traite de tout les noms. Je crois que sa les amuse.
 J'ai écouter les informations maritime et il en dit que je suis em-
 première place. tout le reste du temps c'est bien passé.

Mattia a bordo do evadeur
Segunda-feira 30 de Janeiro
 Sta. Martinha 30-335
 20° ao sul das ilhas canarias

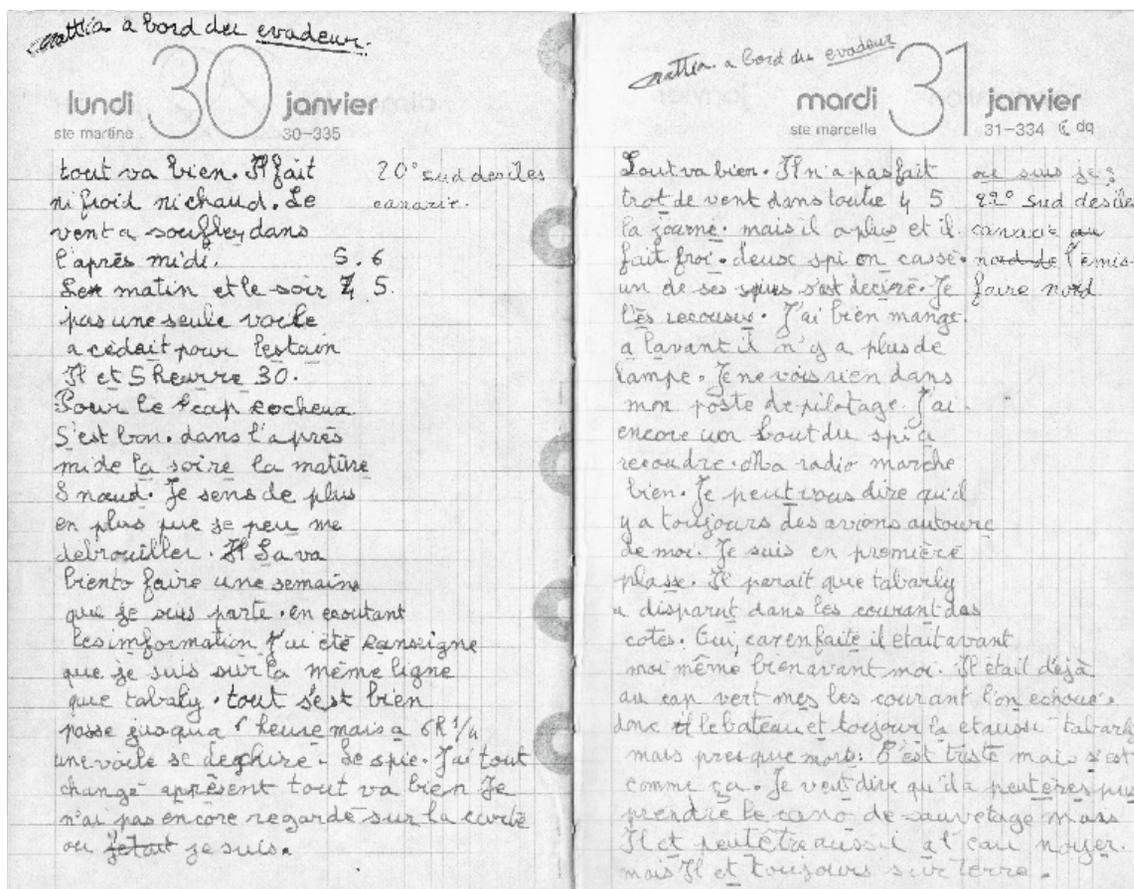
nada asinalar. nem frio nem calor. o vento sopra à tarde. de manhã e de tarde as velas aguêntão se. São cinco e maia. Já passei o cabo sem porblemas. a tarde a noite e de manhã 8 nóz. Tenho mais a certesa que vou conseguir. Esta quaise a fazer uma semana que parti. nas noticias dizeram que eu esto na mesma linha que o Tabarly. estava tudo bem até as 6 horas mas às 6h1/4 rasgo se uma vela. foi o spi. Tive que mudar tudo mas ja está tuodo arranjádo. Ainda não vi na carta onde estáva estou.

Mattia a bordo do evadeur
Terça-feira 31 de Janeiro
 Sta. Marcela 31-334

onde estou: 22° Sul das ilhas canarias ~~ao norte~~ de emisfério norte
 Nada a asinalar. Não estive muinto vento durante o dia. Mas estive a chuver e está frio. Dois spis soltarão se e um rasgou-se. cozïo. Comi bem. a frente ja não há lâmpada. Não vejo nada no psto de pilotagem. Ainda tenho que coser um bocado do spi. O rádio está a funcionar bem. Posso dizer que ainda à aviões a minha volta. Estou em primeiro logar. Parece me que o Tabarly desapareceu nas corentes da cósta. Sim, porque ele estava a minha frente mas mesmo muito a minha fente. Ele ja estva em cabo verde mas as corentes afundaram o. então o barco esta la na mesma e o Tabarly também está mas está quase morto: é triste mas é assim. Quero dizer que ele pode ter ido no bote salva vidas mas também pode estar afogado. Mas está em terra.

Mattia a bordo do évadeur
Sexta-feira 3 Fevereiro
 S. Brás 34-331 lua minguante

Hoje foi um dia muito difícil. Tive muito frio. o vento estáva muito forte. Pus me a fazer trapézio e caí à agua. Mesmo asim consegui agarrar-me. O barco não tem estrgos grandes. Só as velas é que se soltam. Pois é. Acho que elas devem achar piada a fazerem isso. Ainda esta frio. Liguei o aquecedor mas não chega. Cabo verde ainda está longe. Menos longe que a semana passada mas longe à mesma. Se eu não ganhar é muito difícil. O barco do F chichester o Gipsy Motha afundou. Estava mesmo atrás de mim. Quer dizer em segundo lugar. Longe



Domingo 26 Fevereiro

S. Nestor 57-308

O vento fraco de ontem agora é muito forte

Segunda-feira 27 Fevereiro

S. Gabriel de Nossa Senhora das Dores 58-307

Vai ficar prigoso para amanha mas não à problema

Terça-feira 28 Fevereiro

S. Romão 59-306

Estou contente porque não ouve tempestade

Notas

Alerta de vento forte ao lárgo de Portugal

Mattia a bordo do évateur

Quarta-feira 1 Março

S. Albino 60-305

Oje vento nem forte nam fraco. beaufort 5. vagas à longarem carneiros mais numerosos 17 a 21 m 29 a 38km/h. bom andamento. genoa n°1 vela grande – artimão com um riz, 10 nós andamento do barco. a bordo todo bem. fiz um bolo muito bom. remendei as velas porque o spi tinha se rasgado. tive que subir ao mastro para ir buscar uma ponta do spi. sinto me um bocaço sozinho. para não pensar nisso cantei uma canção antiga de mar marinheiro. Acho que mudei desde que parti. Não à de ser nada. Acho. Esqueci-me! Comi o meu bolo.

Mattia

5ª semana

Quinta-feira 9 Março

Sta. Francisca Romana 68-297 lua nova

Oje é um dia beim triste o vento fez greve

Domingo 12 Março

Sta. Justina 71-294

vai todo bem mas está vento e chuva

Segunda-feira 13 Março

S. Rodrigo 72-293

vai todo bem mas está vento e chuva

fui o primairo a chegar Quer dizer o 2º desculpem! Apetece-me ir beber uma bebida e depois voltar para França. Os rebocadores vão levar me lá o barco e eu vou comprar outro só com um mástro. tenho dinheiro que chega. Vou à pesca no atlântico. Bom, vou masé beber um copo. Adeus

segunda-feira 13 junho

1978

segundo lugar da corrida transat.

a frente do seu companheiro buterflálde que lhe sucede

1º Tabarly

Mattia

lundi 13 mars
st rodrigue 72-293

je suis arrivé premier lieu
2^{ème}. pardon ! j'ai envi d'aller
voir quelque chose et de
repartir en France. Il y a
des remorqueurs qui vont m'y
emmener le bateau et je
vais en acheter un autre -
un, qui a un seul
mât. j'ai assez d'argent.
je pêcherai en atlantique
bon je vais boire mon
cop. salut

lundi 13 juin
1978

arrivé 2^{ème} de la
course transat.
avant sont compagnons
butterfleilde qui

